



MENDES, Ana Flávia. **SERPENTINAS E POESIA: a dança imanente como estratégia de carnavalização da dança contemporânea**. Belém: Instituto de Artes do Pará; Companhia Moderna de Dança. Universidade Federal do Pará/ Escola de Teatro e Dança/ Programa de Pós-graduação em Artes; Docente efetiva. Dançarina, coreógrafa, professora de dança e pesquisadora.

RESUMO (terceira pessoa do singular)

Este texto analisa o processo de carnavalização da dança contemporânea na criação do espetáculo *Serpentinas e Poesia*. Dirigido pela autora para a Companhia Moderna de Dança, o espetáculo resulta de um projeto de pesquisa, experimentação e criação artística realizado junto ao Instituto de Artes do Pará em 2010. A coreografia utiliza os pressupostos da dança imanente, poética investigada e desenvolvida pela autora em suas pesquisas de mestrado e doutorado, como estratégias para a criação cênica. A partir da análise da linguagem implementada pelo espetáculo, verifica-se a possibilidade de pensar a dança imanente como orientação metodológica para a criação em dança e, no caso particular de *Serpentinas e Poesia*, como recurso de carnavalização e aproximação entre a dança contemporânea e a estética carnavalesca das escolas de samba.

PALAVRAS-CHAVE: carnavalização: dança contemporânea: dança imanente.

ABSTRACT

This text analyses the carnivalization process of the dance concert *Serpentinas e Poesia*. Directed by this writing author to Companhia Moderna de Dança, the concert results from a research, experimentation and artistic creation project realized at Instituto de Artes do Pará in 2010. The analysis uses the immanent dance purpose as strategy to the choreographic creation. Immanent dance is the poetics investigated and developed by the author in her master's and doctorate's degree courses. From the analysis applied to the scenic language used in the concert, there is found a possibility of thinking about immanent dance as methodological orientation for dance creation and, in the particular case of *Serpentinas e Poesia*, as a resource of carnivalization and approximation between contemporary dance and the carnival aesthetics of samba's school.

KEYWORDS: carnivalization: contemporary dance: immanent dance.

Como artista-pesquisadora, na expectativa de refletir sobre a arte e o carnaval na cidade de Belém, abordei, por meio da criação do espetáculo *Serpentinas e Poesia*, o universo poético carnavalesco de João de Jesus Paes Loureiro no *Quem São Eles*, onde o poeta desenvolveu parte de seu legado artístico. O projeto originou o referido espetáculo e foi contemplado com a bolsa de Pesquisa, Experimentação e Criação Artística do Instituto de Artes do Pará (IAP¹) no ano de 2010. A iniciativa abriu espaço para o estudo de uma vertente ainda pouco investigada na obra de Paes Loureiro, isto é, sua produção no universo do samba, considerada diferencial não somente para o *Quem São Eles*, mas para o carnaval de Belém como um todo.

Oliveira (2006, p. 291), em seu livro *Carnaval Paraense*, argumenta: “Jesus representa a expressiva presença da poesia na letra da música popular e do samba-enredo carnavalesco do Pará”. Como exemplo do lirismo que caracteriza os sambas-enredo do Quem São Eles é possível destacar: *Eneida, sempre amor*, enredo em homenagem à Eneida de Moraes²; *Marajó, ilhas e maravilhas*; *Preamar*, entre outros.

Para desenvolver um experimento artístico em forma de espetáculo, considere como referências algumas das minhas vivências no mundo do carnaval compartilhadas com a Companhia Moderno de Dança, grupo que dirijo há dez anos. Ao longo de sua trajetória cênica na dança paraense, desde sua fundação a companhia sempre esteve inserida no mundo do carnaval, fazendo sua estreia como comissão de frente do Quem São Eles em 2002.

Antes de participar do Quem São Eles com a Companhia Moderno de Dança, desfilei, em 1998, na comissão de frente da Embaixada de Samba do Império Pedreirense³ com enredo em homenagem à professora de dança Clara Pinto⁴, de quem fui aluna durante alguns anos.

Pouco tempo depois, no ano 2000, Gláucio Sapucahy⁶, benemérito do Quem São Eles com quem hoje sou casada, convidou-me a desfilarmos como destaque de chão juntamente com mais 3 amigos dançarinos. Para o enredo *Sob o signo do fogo* desenvolvemos uma coreografia que trabalhava elementos teatrais e de dança, compondo, ao som do samba-enredo, uma encenação coreográfica altamente teatralizada em meio ao desfile carnavalesco.

A partir de 2002 a emoção da avenida passou a ser compartilhada com a Companhia Moderno de Dança, que desfilou como comissão de frente, como composição de carro alegórico, como destaque de chão e, mais recentemente, nos anos de 2009, 2010 e 2011, como ala coreografada. Em 2010 desfilamos o enredo *Paes Loureiro: voz da poesia, pássaro da terra, poeta da Amazônia*, que homenageou o poeta João de Jesus Paes Loureiro. Esta experiência desencadeou a concepção do espetáculo sobre o qual me debruço neste texto.

Serpentinas e Poesia traz à cena uma espécie de poesia carnavalizada. Os poemas/letras dos sambas são a motivação primeira para a criação, porém os aspectos rítmicos e melódicos, juntamente com elementos cênicos provenientes do carnaval, também se fazem presentes, determinando, assim, a estética da encenação, caracterizada eminentemente pela carnavalização.

Bakhtin fala sobre o processo de carnavalização na literatura, entendendo-a como “um movimento de desestabilização, subversão e ruptura em relação ao ‘mundo oficial’” (REIS, 2011, p. 82). Para ele o carnaval é um fenômeno em que não há espectadores, uma vez que todos são participantes. Ao analisar a obra de Bakhtin, Reis (2011) fala de uma “atitude carnavalesca” na literatura, que diz respeito ao contato livre e familiar entre os personagens numa espécie de deshierarquização de papéis sociais.

No carnaval das escolas de samba esta noção de deshierarquização precisa ser relativizada, uma vez que a distinção entre quem faz e quem assiste ao

espetáculo é bastante clara. Embora a diversão e o riso, conceito também empregado por Bakhtin para refletir sobre o carnaval, sejam comuns a todos que participam, entendo que haja, sim, uma definição clara entre quem tem o papel de fazer e quem tem o papel de assistir.

No entanto, esta distinção não é um problema para a análise que ora apresento. O processo de carnavalização a que me refiro implementa uma atitude carnavalesca, porém, não se baseia em valores e/ou papéis sociais, a *priori*, mas, sobretudo, em valores e papéis estéticos vigentes nos personagens que constituem uma escola de samba.

Santa Brígida (2006, p. 23) aplica o conceito de carnavalização aos seus processos criativos em artes cênicas e esclarece que a carnavalização da cena teatral é a busca pela “construção de uma dramaturgia a partir da inserção dos elementos que caracterizam e definem a estética carnavalesca das escolas de samba”. Trata-se do encontro das artes cênicas com o carnaval, corroborando minha proposição de carnavalização da dança contemporânea em *Serpentinas e Poesia*.

Dramaturgicamente o espetáculo propõe uma narrativa não linear, trazendo como “ponto de virada” uma cena que remonta a um desfile de escola de samba. É a partir deste momento que começam a ser incorporados no espetáculo os elementos carnavalescos, tanto no que se refere à visualidade quanto no que diz respeito à música, ao corpo e, obviamente, à dança.

Nas cenas anteriores a esta o espetáculo transita muito mais pelo universo mítico-poético de Paes Loureiro. Na primeira metade do espetáculo a poesia é a motivação maior para o processo criativo, que recorre, assim, a uma estética de dança muito mais abstrata e próxima daquilo que, plasticamente, no senso comum, entende-se como dança contemporânea, isto é, uma dança que se constroi sem necessariamente seguir padrões de movimento pré-existentes.

Já na segunda metade, predominam as danças de escola de samba, surgindo, portanto, coreografias que abarcam a gestualidade do(a) passista, da porta-bandeira e do mestre-sala, das bainas, etc. É a carnavalização da dança contemporânea no espetáculo, em que os dançarinos vão, pouco a pouco, em tempo desacelerado (semelhante ao recurso audiovisual de câmera lenta), surgindo e atravessando o espaço cênico de um lado a outro, como em um cortejo carnavalesco. O samba que embala esta cena chama-se *Abre a janela*. Trata-se de um samba cuja letra faz referência a personalidades do Quem São Eles, como os já citados Almerindo e Luiz Guilherme.

É neste momento que os personagens do carnaval surgem, trazendo em seus figurinos e elementos cênicos as cores grená e branco, cores do Quem São Eles. A respeito destes figurinos e elementos (bandeira e estandarte), vale destacar a participação da carnavalesca, professora e pesquisadora paraense Cláudia Palheta⁶, que não somente os idealizou para o espetáculo, como também colaborou com a pesquisa a partir de seu olhar carnavalesco, proporcionando a visualidade carnavalizada que a dramaturgia coreográfica precisava ter.

No tocante aos procedimentos coreográficos utilizados para a concepção cênica, destaca-se aqui a dança imanente como metodologia criativa de movimentos. A dança imanente, noção cunhada em meus estudos de doutorado em artes cênicas, mais que uma poética de dança, hoje configura-se como uma metodologia para o ensino e a criação de danças. Nascida da prática da Companhia Moderna de Dança, ela consiste na dissecação artística do corpo que dança, considerando, para tanto, todas as vivências dos dançarinos como fontes para criar o movimento que se vai dançar.

Dissecar o corpo artisticamente significa perceber sensivelmente suas potencialidades cênicas e coreográficas, adotando, como disparadores, laboratórios que toquem a personalidade do dançarino, fazendo o movimento emergir de dentro para fora como revelação de sua intimidade. Deste modo, a dança imanente apropria-se das potencialidades coreográficas desveladas em laboratórios de pesquisas de movimentos e converte-os em dança a partir do compartilhamento e da coletivização de memórias e vivências descobertas na dissecação artística do corpo. Em seguida, utiliza o procedimento da edição, isto é, da seleção, colagem e “finalização” do material produzido, sempre sob a orientação de um diretor, que no caso de *Serpentinas e Poesia*, é tarefa que me cabe.

No processo de criação desse espetáculo era muito comum os dançarinos questionarem uns aos outros acerca de suas vivências no âmbito do carnaval. Entre os laboratórios, o uso de imagens despertadoras de sensações foi muito recorrente, assim como o uso das próprias letras dos sambas-enredo estudados e da biografia de João de Jesus Paes Loureiro. A seleção e edição de material resultante dos laboratórios resultou em uma coreografia carnavalizada, tanto pela minha própria interferência como diretora artística, quanto pela interferência da visualidade dos figurinos propostos por Cláudia Palheta. Além disto, se os dançarinos não tivessem inscrito em seus repertórios gestuais a linguagem das danças de escolas de samba, decorrente de suas próprias vivências em companhia, não teria sido possível carnavalizar suas danças imanentes e, conseqüentemente, não seria possível carnavalizar o espetáculo, inserido na vertente das poéticas contemporâneas de dança.

Não pretendi, neste trabalho, fazer carnaval de escola de samba, ou representar este carnaval. Tratou-se, sim, de um exercício de licenças poéticas que vislumbrou ser, simplesmente, cena coreográfica. Por um lado, transitei entre a poesia e o samba e entre as estéticas do carnaval e da dança contemporânea e, por outro, utilizei minhas próprias vivências e as vivências dos dançarinos envolvidos no processo como referências para o espetáculo.

Pesquisa, experimentação e criação foram aqui compartilhadas com pessoas que fazem a diferença em minha prática artística, seja no âmbito da dança contemporânea, seja no fazer da dança para o carnaval paraense. Falo da Companhia Moderna de Dança, que ao longo de sua existência, vem compartilhando, a cada ano, a experiência de visitar as quadras de escolas de samba em dias de ensaio, colocar lantejoulas na fantasia, assistir aos desfiles carnavalescos de outras cidades e atravessar a avenida do samba em torno de em uma emoção que só se explica vivendo.

Esta conjuntura de vidas é o nascedouro da pesquisa que se tornou coreografia. *É lindo reencontrar um grande amor!* Assim, Paes Loureiro e o Quenzão⁷ se reencontram nesta experiência cênica da Companhia Moderna de Dança que, entre Eneidas, maravilhas do Marajó e outros temas, desenham no espaço-tempo de sua dança contemporânea a poesia de sambas genuinamente amazônicos.

REFERÊNCIAS

MENDES, Ana Flávia. DANÇA IMANENTE: Uma dissecação artística do corpo no processo de criação do espetáculo *Avesso*. São Paulo: Escrituras Editora, 2010.

OLIVEIRA, Alfredo. CARNAVAL PARAENSE. Belém: Secult, 2006.

REIS, Thais Rezende. A OSTALGIA, O RISO, E A CARNAVALIZAÇÃO EM *AM KÜRZEREN ENDE DER SONNENALEE E GOODBYE, LENIN!* Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo, nº 17 – Janeiro-Junho de 2011 – ISSN 1679-849X. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num17>>. Acessado em: 01.10.2012.

SANTA BRIGIDA, Miguel. O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA: O desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro como cena contemporânea na Sapucaí. Tese de doutorado. Orientador: Prof. Dr. João de Jesus Paes Loureiro. Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. Salvador: PPGAC/UFBA, 2006.

¹ O IAP é um instituto vinculado ao governo do estado do Pará que visa o aperfeiçoamento das artes no âmbito estadual, através da pesquisa, experimentação e integração das linguagens artísticas.

² Eneida de Moraes (1904-1971) foi escritora e poeta paraense. Personalidade de grande importância para o carnaval, escreveu o livro *A história do carnaval carioca*, uma das principais referências sobre o tema.

³ Agremiação carnavalesca paraense fundada em 1951 e situada na Travessa Mauriti, nº 1135, bairro da Pedreira.

⁴ Professora de ballet clássico e empresária, proprietária da Escola de Danças Clara Pinto.

⁵ Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física, professor e gestor educacional. Atua como coordenador do Departamento de Educação Física e Artes do Colégio Moderno (Belém, PA). É fundador e diretor executivo da Companhia Moderna de Dança.

⁶ Graduada em Artes Visuais e mestra em Artes pela Universidade Federal do Pará. É professora da Escola de Teatro e Dança da UFPA e campeã do carnaval paraense nos anos de 2010 e 2011, pela agremiação carnavalesca Bole-Bole.

⁷ Apelido carinhoso dado ao Quem São Eles pela sua comunidade.